



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS/ ABAETETUBA
POLO UNIVERSITÁRIO DE TAILÂNDIA
FACULDADE DE LETRAS

MARIA JUCINÉIA OLIVEIRA SOUSA

**CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTO/JUVENIL NA FORMAÇÃO
DOS LEITORES LITERÁRIOS**

TAILÂNDIA- PA
2014

MARIA JUCINÉIA OLIVEIRA SOUSA

**CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTO/JUVENIL NA FORMAÇÃO
DOS LEITORES LITERÁRIOS**

Trabalho apresentado à Universidade Federal do
Pará, núcleo de Tailândia-PA, como requisito
avaliativo para a Disciplina: Trabalho de
Conclusão do curso (TCC), orientado pelo
Professor Helius Cezar Tocantins de Souza.

TAILÂNDIA- PA

2014

Ficha catalográfica
Dados Internacional de Catalogação na Publicação- (CIP)

807
S725C

Sousa, Maria Jucinéia Oliveira

Contribuições da literatura infanto/juvenil na formação de leitores literários. / Maria Jucinéia Oliveira Sousa.- Tailândia: Polo Universitário de Tailândia/Universidade Federal do Pará, 2014.

45 f.; graf.

Orientador: Profº Helius Cezar Tocantins de Souza

Trabalho Acadêmico de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pará. Curso de Licenciatura Plena em Letras.

1. Literatura Infanto Juvenil 2. Leitura e Ensino I.
Título.

CDD: 24. Ed. – 807

CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTO/JUVENIL NA FORMAÇÃO DOS LEITORES LITERÁRIOS

Data de Defesa: 30 / 06 / 2014

Conceito: EXCELENTE

Banca Examinadora

Professor Orientador (Helius Cezar Tocantins de Souza - UFPA)

Professor Ma. (Eneida Lúcia Garcia Klautau - UFPA)

Professor Ma. (Lílian Cristina Barata Pereira Nascimento - UFPA)

A todos os educadores que vêm assumindo o desafio de construção leitora de seus alunos. A eles esse trabalho é dedicado, com as mesmas angústias, reflexões, conquistas, críticas, medos e posicionamentos típicos de um professor-leitor que entende a leitura como um instrumento de construção de cidadania. A todos os mestres, enfim, com o carinho de uma professora que também percebeu que ler é fazer história.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, que tudo permite, em sua infinita bondade e sabedoria, guiou meus passos e permitiu-me chegar até aqui, proporcionando a chance de demonstrar a minha capacidade para a realização deste trabalho que, apesar de árduo, hoje proporciona orgulho. A minha família, meus filhos, em especial o Rhayan, que sempre esteve ao meu lado e minha irmã Francidalva. À Universidade Federal do Pará, pela oportunidade de aprofundar meus conhecimentos. As minhas amigas de turma Ducilene Fernandes e Elis Regina, que sempre estivemos juntas e apoiaram-me durante todo o curso, entre outros, ao Pedro Aguiar que sempre me deu força, mesmo distante. Agradeço ainda os funcionários do Polo Universitário de Tailândia. Agradeço imensamente aos professores que contribuíram para a minha formação, ao Professor Hélius Cezar, que orientou meu TCC. Agradeço, ainda, a todos que, direto ou indiretamente, ajudou-me para a concretização deste sonho, ao corpo técnico da escola “Santa Clara” e professores da mesma pela oportunidade de conceder minha pesquisa.

A todos, meu muito obrigado!

A literatura infantil é, antes de tudo,
Literatura; ou melhor, é arte:
Fenômeno de criatividade que representa o mundo,
O homem, a vida, através da palavra.
Funde sonhos e a vida prática, o imaginário e o real,
Os ideais e sua possível/impossível realização...

Nelly Novaes Coelho

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTO/JUVENIL.....	16
1.1 - A LITERATURA INFANTO/JUVENIL NO BRASIL.....	19
1.2 - AS TENDÊNCIAS DA LITERATURA INFANTIL.....	20
1.3 - LEITURA E LITERATURA INFANTO/JUVENIL: Uma escolarização inadequada.....	21
1.4 - A IMPORTÂNCIA DO OUVIR, LER E CONTAR HISTÓRIAS	25
2. A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTO/JUVENIL NA FORMAÇÃO LEITORA	28
3. A ESCOLA E O TEXTO LITERÁRIO: a dura realidade.....	30
4. AS CONTRIBUIÇÕES OFERECIDAS PELA LITERATURA INFANTO/JUVENIL À FORMAÇÃO DOS LEITORES LITERÁRIO	34
4.1 AS CONCEPÇÕES DE LEITOR, LEITURA E LITERATURA NA PRÁTICA DOCENTE.....	34
4.2 AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTO JUVENIL NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO.....	35
4.3 A CONTRIBUIÇÃO PODEROSA DA LITERATURA INFANTIL PARA OS USOS DA LÍNGUA E DA LINGUAGEM DE MODO GERAL	35
5- CONSTATANDO DOS FATOS.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS	44

RESUMO

O presente trabalho busca compreender as concepções de literatura Infante/Juvenil que fundamentam a prática dos professores na formação dos alunos. Entendemos que o tratamento da Literatura Infante/juvenil visando somente à habilidade de leitura torna-se inadequado para a formação de leitor literário. Pois, o bom leitor é aquele que envolvido numa relação de interação com a obra literária, encontra significado quando lê, procura compreender o texto e relaciona com o mundo à sua volta, construindo e elaborando novos significados do que foi lido. Só assim, a leitura pode contribuir de forma significativa numa sociedade letrada, no exercício da cidadania e no desenvolvimento intelectual. Para isso, é preciso que o livro literário seja agradável aos olhos e possua um texto encantador, estimulando o imaginário do leitor. O problema central dessa tese versa sobre como os professores concebem e desenvolvem a proposta da literatura Infante/Juvenil na E.M.E.F. Santa Clara, no município de Tailândia.

Palavra-chave: Literatura Infante/Juvenil: Leitura e Ensino.

Abstract

The present work tries to understand the conceptions of literature for children/youth that underlie the practice of teachers in training of students. We believe that the treatment of children 's/juvenile Literature targeting only the skill of reading becomes adequate for the formation of literary reader. And so the good reader is that one who is involved in a relationship of interaction with literary, finds meaning when read and try to understand and relate with them and the world around, building and developing new meanings from what was read. Only in this way, the reading can contribute significantly in a literate society, the citizenship exercise and intellectual development. For this reason, we need the Infant/Juvenile book to be pleasing to the eye of students and to have a charming text by stimulating the reader imagination. The central problem of this thesis focuses on how teachers conceive and develop the proposal of children's literature/youth E.M.E.F. Santa Clara, in Thailand city from Pará.

Key words: children 's/juvenile Literature; Reading and Teaching.

INTRODUÇÃO

A Literatura Infanto/Juvenil, na escola é de fundamental importância e privilegia formação de leitores proficientes, em função de desenvolver a leitura a partir dos textos literários, realizando uma função formadora no caráter pedagógico.

Uma vez que a literatura cria expectativa muito positiva e se destaca insistentemente seu valor no cotidiano escolar. Pois quanto mais cedo à criança conviver em contato com os livros, obviamente ela criará possibilidades no processo de formação leitora. Segundo Zilberman (1994), o texto literário é uma necessidade e contribuição na formação de um leitor crítico. Uma vez que a literatura infanto/juvenil realiza uma função formadora. Partindo desse pressuposto é possível verificar o estado afetivos diferentes daqueles que a vida real lhes proporciona, levando a criança a tomar consciência do real e a percepção das relações humanas presente na ficção, passando a viver sua realidade como se fosse imaginário. Ainda de acordo com a autora:

Trata-se, pois, mais uma vez de dar relevo à função formadora da leitura, pois seu desenvolvimento incrementa no leitor a capacidade de compreender o mundo e investigá-lo, e de, ao mesmo tempo, por em tela de juízo o comportamento que promove obras e as considera boas, porque transmitem valores socialmente úteis, que só interessa ao adulto. (p. 30)

Para COELHO (2000), a literatura nos permite a melhor forma de ler o mundo dos homens de forma rica e eficaz.

A literatura, e em especial infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola. (p. 15)

O texto literário funciona como objeto fundamental no processo de formação do leitor, rompendo com os padrões normativos da língua e possibilita a descoberta da vontade de ler, degustando o prazer da liberdade, possibilitando interpretar, criar e recriar sua própria história.

A Literatura Infanto/Juvenil, por sua natureza, movimenta múltiplas leituras, oferecendo em seus textos espaços para questionamentos e reflexões acerca do mundo, levando o infante a compreender o sentido de sua

existência. Segundo Abramovich (2006), as narrativas possibilitam um trabalho com o imaginário, aguçando a curiosidade e o reconhecimento de fatos vivenciados, em que essas descobertas são capazes de encaminhar a criança para uma autonomia de leitura.

A criança possui, ainda, uma sensibilidade estética, muitas vezes mais aperfeiçoada que o adulto. Pois o fascinante atinge diretamente o imaginário da criança. Esse encontro deslumbrante com o fabuloso, o mistério, o mágico e a fantasia, o prazer e a emoção, faz a criança entrar em contato com seu mundo imaginário e firmará o máximo de interesse a dialogar com seus sentimentos mais ocultos, afronta seus medos e desejos secretos, excede seus conflitos e consegue o equilíbrio necessário para seu desenvolvimento intelectual.

A leitura possibilita a emancipação da criança e a absorção dos valores da sociedade, favorecendo não só a assimilação do conhecimento, mas também o transforma em um processo de aperfeiçoamento contínuo. Neste sentido é necessário que as novas gerações tomem consciência do papel funcional que a Literatura Infanto/Juvenil exerce, e desperte o prazer por ela, ou pelo menos, caso isso não aconteça, tenham a oportunidade de entrarem em contato com as obras literárias infantis, ainda que, em seu meio familiar, esta base não lhes tenha sido constituída.

A partir dessas verificações o trabalho busca mostrar formas de como o Literário Infanto/Juvenil, a qual trilha caminhos de maravilha e encantamento pelo prazer da leitura literária.

Um compromisso que o docente deve ter como mediador do encaminhamento na formação do leitor, apontando a ele os ares literários, compostos de significações capazes de envolver o contemplativo e o imaginário por meio da Literatura Infanto/Juvenil, podendo assim fazer uma reflexão a partir de observações das práticas exercidas pelos docentes acerca da Literatura Infanto/Juvenil nas séries iniciais.

A pesquisa aconteceu na escola pública “Santa Clara”, em que foram observados professores de 1º ao 4º ano das séries iniciais.

O presente artigo e as considerações nele contidas estão embasados e fundamentadas em textos de teóricos como: Abramovich (2006-1989), Machado (2002), Nicolau e Dias (2003), Novaes (1991), Paiva e Maciel (2005), Soares (2001), Zilberman (1994-1989), entre outros.

Assim, nos capítulos serão abordados pontos importantes sobre a criança, a escola e o docente com base nos teóricos estudados acerca da Literatura Infanto-Juvenil, enquanto propiciadora na formação do leitor literário.

“A contação de histórias” revela a trajetória da Literatura Infanto-Juvenil. Levantando considerações pertinentes ao tratamento dado à criança em cada época, pois, esta é peça fundamental no processo de produção intelectual na Literatura Infantil.

Em “Leitura e Literatura Infanto/Juvenil e uma escolarização inadequada” enfatizar a Literatura Infanto-Juvenil no ambiente escolar, com base nos autores: Magda Soares (2001), Paiva e Maciel (2005), Abramovich (2006), que questionam o tratamento dado ao texto literário dentro de um espaço, que deveria funcionar como um caminho de descobertas, levando o aluno por meio do lúdico, do maravilhoso ao prazer da leitura literária, a qual, não deve ser imposta e sim fluida de encantamento pela linguagem artística.

Para Soares (2001) os textos trabalhados nas escolas não tem outro compromisso se não o de ensinar conteúdos pedagógicos, para isso é feito adaptações das obras literárias infantis para o livro didático, os quais quase sempre se utilizam de fragmentos, para ensinar à gramática. Assim, assassinando o texto literário, retirando dele pontos chaves das obras da Literatura Infantil, que são responsáveis pela instigação, pela curiosidade e principalmente pela descoberta.

“A importância de ouvir, ler, contar e recontar histórias” integra a diversidade das narrativas, possibilitando a instigação pelo gosto dos textos literários, pontuando diferenciados suportes do gênero e as profundas relações de expressividade e sensações que marcam a memória infantil.

Segundo Abramovich (2006) as contribuições da Literatura Infantil para a formação do leitor literário, descrevem exemplos de sua memória infantil, citando nos livros que leu, enfatizando suportes, aperfeiçoando sua formação enquanto ser, por meio dos livros infantis, dos personagens, das ilustrações lhe proporcionam grandes descobertas. Assim, o ouvir, ler e contar e recontar histórias contribui de forma significativa, revelando diferentes caminhos para uma prática prazerosa, reconhecendo nos textos literários fontes inesgotáveis de incentivo ao processo da leitura literária. “Ao ler para uma criança desenvolve todo o seu potencial crítico. A partir daí, ela pode pensar, duvidar,

se perguntar, questionar...” (1989, 143). Além de essas histórias apontarem para o fantástico, “um universo que detona a fantasia, partindo sempre duma situação real, concreta, lidando com emoções que qualquer criança já viveu” (1989, 120). A autora em sua opinião o educador precisa criar um clima de envolvimento com a leitura, exigindo que o professor:

Saiba dar pausas, criar intervalos, respeitar o tempo para o imaginário de cada criança construir seu cenário, visualizar seus monstros, criar seus dragões, adentrar pela casa, vestir a princesa, pensar na casa do padre, sentir o galope do cavalo, imaginar o tamanho do bandido e outras coisas... (1989, p. 21)

“A escola e o texto literário a dura realidade” proporciona relatar as observações de campo, baseando-se à luz de algumas teorias do universo literário infantil, para analisar a prática exercida pelos docentes no que diz respeito ao trabalho desenvolvido dentro das salas de aulas, mas especificamente o trabalho com a Literatura Infantil, a qual fica a margem do processo ao direcionamento da leitura, pois se enfatiza o ensino da língua acerca da gramática.

“Constatando os fatos”, serão coletadas as análises dos questionários das respostas dos docentes sobre seu trabalho com a Literatura Infantil, os quais foram construídos a partir de dez perguntas que buscaram dar melhor concisão ao trabalho.

Por fim, em “A necessidade de refletir: o confortável e o possível” procurar discutir e refletir sobre métodos e práticas do educador em sala de aula. Tendo em vista que eles não utilizam a Literatura Infanto-juvenil como ferramenta indispensável para a iniciação no processo da leitura e sim como recurso para o ensino gramatical da língua.

Neste contexto, é que se faz necessário esboçar a Literatura Infanto-juvenil, que certamente contribui significativamente na formação do leitor. Sendo necessário haver um comprometimento com a formação do ser, mostrando a eles os aspectos literários, suas significações e seu poder contemplativo.

Vale ressaltar que a má formação de leitores, mais especificamente do leitor literário, o que se constituiu em uma preocupação que não se limita a escola. No entanto, é desta que se espera o desenvolvimento de um leitor que

além de gostar de ler, estabeleça uma relação de entrosamento com o texto literário. Nas palavras de BRASIL, entende-se que:

O texto literário constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética. Não é mera fantasia que nada tem a ver com o que se entende por realidade, nem é puro exercício lúdico sobre as formas e sentidos da linguagem e da língua (BRASIL, 1998. p. 26).

Tendo em vista que, é preciso compreender os desafios que perpassam esta temática e atentar para despertá-lo o prazeroso que a literatura infanto/juvenil pode proporcionar do aluno para com a leitura, mas é necessário que o docente não trabalhe o que é confortável para si e sim o que é possível explorar da Literatura Infantil, por meio do fantástico, do lúdico, do maravilhoso.

1. HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTO/JUVENIL.

A literatura vem desenvolvendo um papel expressivo na evolução da humanidade ao longo dos séculos. Talvez essa impulsão de contar histórias deve ter surgido quando o homem sentiu necessidade de comunicar-se e relatar suas experiências com o outro. Neste contexto podemos analisar que a Literatura vem desempenhando ao longo da origem do tempo, com suas transformações e evoluções vividas pela humanidade. Segundo COELHO (1991)

“a importância de rastreamos as origens da Literatura Infantil, hoje conhecida como “clássica”, a partir de seus ancestrais ou de sua célula-mãe: a Novelística Popular Medieval, que por sua vez, tem suas raízes mais remotas em certas fontes orientais (Índia) ou, mais precisamente, indo-europeias.”(p. 12)

Dai a importância de conhecer suas raízes, especificamente da que foi criada para o público infantil, uma vez que, o objetivo maior é tratar de modo significativo a Literatura Infanto-Juvenil na formação do ser enquanto leitor de texto literário.

As narrativas primordiais foram fundamentais para o surgimento da Literatura Infantil, apesar de inicialmente não terem sido criadas com o direcionamento à criança, e sim aos adultos. Isso decorre da concepção da família que havia no século XV, em que as crianças eram tratadas como adultos em miniaturas, ou seja, participavam das mesmas tarefas desenvolvidas pelos adultos. Isso ocorria não só com as narrativas, mais também com os contos, as lendas, as brincadeiras, as fábulas, que eram criadas para os adultos e contadas por eles.

Porém no delineio do século XVI, surge uma nova concepção de família, a criança teria um valor social. Quando fica entendido que a criança é um ser diferente do homem crescido, que possui suas necessidades e características próprias, devendo diferenciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, aperfeiçoando-se para a vida adulta, observando o seu desenvolvimento intelectual e suas emoções. A família burguesa viu a necessidade de ensinar boas maneiras as crianças, utilizando a Literatura como manuais educativos a serem seguidos. Assim, a criança era considerada um ser de menor importância com sua educação direcionada às

questões religiosas e a modelos de comportamento repassadas nos mosteiros, escolas da épocas. Novaes (1991).

Devido essa observação, foi necessário haver uma mudança e foram escritos os primeiros textos para crianças no final do século XVII e meados do século XVIII. Surge a preocupação com uma Literatura voltada para as crianças, com a instigação do imaginário, do fantástico que havia nas narrativas populares, transmitidas de geração em geração por meio da oralidade do povo. Quando Charles Perrault, os irmãos Grimm e Hans Christian Anderson dedicaram-se a recolher essas narrativas, transformando-as em contos, hoje conhecidos como os contos de Fadas. Embora cada um tenha contribuído de modo diferenciado para essa tarefa.

Esses autores clássicos infantis se importavam e juntavam as histórias contadas, anônimas e vinham transmitindo, oralmente de geração a geração, e ainda as transcreviam em escrito, recriavam e continuaram a expandir através do tempo e do espaço.

Nas palavras da escritora Ana Maria Machado, em seu livro "Como e por que Ler Clássico desde Cedo" estabelece essa diferenciação na contribuição destes maravilhosos escritores. (MACHADO,2002)

Charles Perrault, que seguiu esse exemplo e em 1697 recontou e publicou alguns poucos desses contos, especialmente para as crianças da corte real, narrando-os em finos versos ou prosa burilada e fazendo com que todos se acompanhassem de uma moral. Embora abrangendo um número bastante reduzido de contos de fadas, apenas 11, a obra de Charles Perrault associou para sempre o nome do autor e o gênero com versos imortais de *Chapeuzinho Vermelho*, *A Bela Adormecida*, *O Pequeno Polegar*... (p.71).

No entanto os irmãos Grimm diferenciaram-se na Alemanha, com propósito de preservar um patrimônio literário.

...em 1802, na Alemanha, foi feita outra coletânea dessas histórias populares. Muito mais extensa e completa, reunia 210 contos. Organizados por Wilhelm e Jacob Grimm, dois irmãos que eram pesquisadores e filólogos, além de escritores, essa antologia tinha outra grande diferença em relação a obra de Perrault: não se destinava à leitura da corte , mas tinha como objetivo preservar um patrimônio literário tradicional do povo alemão e colocá-lo ao alcance de todo o mundo. Essa intenção era evidente desde o próprio título do livro (Contos Para o Lar e as Crianças)... (Machado, 2002, p.71)

Considerado “o pai da Literatura Infantil” o dinamarquês, Andersen criou novas histórias:

É que Andersen, diferentemente de Perrault e dos irmãos Grimm, não se limitou a recolher e recontar as histórias tradicionais que corriam pela boca do povo, fruto de uma criação secular coletiva e anônima. Ele foi mais além e criou várias histórias novas, seguindo os modelos dos contos Tradicionais, mas trazendo sua marca individual e inconfundível- Uma visão poética misturada com profunda melancolia. Assim, seu livro, além de contos de fadas compilados nos países nórdicos, trazia também novidades como o Patinho Feio, A roupa Nova do Imperador, Polegarzinha... (Machado, 2002, 72-73).

É importante ressaltar, que mesmo com toda essa Literatura para ser explorada, a sociedade manteve certa resistência aos costumes da época, ou seja, as crianças não eram vistas como um ser de faixa etária diferenciada, sendo esta ignorada, desta forma não se construía um laço afetivo de proximidade com os pequenos. Zilberman (1994).

Já no delinear do século XVIII e início do XIX, com os ideais iluministas, as crianças passaram a ser vistas com suas especificidades e há uma reformulação de Escola, em que, a criação literária para elas, segue diretrizes educacionais, com tendência simplesmente pedagógica, então visando um caráter formador, ou seja, preparar a personalidade da mesma, visando o adulto que se tornaria.

Nas colocações de (Novaes, 1991), acerca das influências ideológicas de Rousseau (1712/1778) sobre algumas perdurações da criança na família e na sociedade declara:

Apesar de alguns defeitos de base (com a ênfase dada à educação do corpo e dos sentidos, em detrimento da educação da inteligência, que só viria depois dos 12 anos), a maior parte de seus princípios ainda são plenamente aceitos: a exigência de atividade práticas , a observação direta dos objetos de estudo; a adequação do ensino às faculdades da criança, o ensino ativo, a formação moral pelo exemplo e não pela punição, etc. Entre as noções mais discutíveis de seu método natural, está a proibição dos livros às crianças , na primeira educação (até os 12 anos)... (p.126).

Por tanto, toda essa reformulação no campo educacional não foi capaz de analisar as considerações necessárias de um cenário que não apenas olhasse só para a criança como ser inocente e frágil, mas que levasse em

conta a criticidade, a identidade social da mesma, já que a Literatura Infantil tem atuação propiciadora na formação da criança enquanto ser emancipado, capaz de refletir sobre suas condições pessoais.

No século XX, a Literatura produzida continua carregada de fundamentos intimamente ligados à formação da mente e personalidade da infante, segundo fins pedagógicos; assim comprometendo as marcas do gênero literário infantil, quebrando as relações proveitosas que esse tipo de Literatura pode oferecer como o do gosto literário, o qual se desprende de ensinamentos educativos e técnicas, plantando deste modo um grande dano para Literatura e para a leitura.

1.1 A LITERATURA INFANTO/JUVENIL NO BRASIL

A Literatura Infanto/Juvenil no Brasil acontece no meado da Proclamação da República, período de grande divergência política, econômica e social. O governo requeria a imagem de um Brasil moderno, substituindo a mão de obra escrava e uma política econômica que beneficiasse a produção cafeeira. Além disso, foi quando o fortalecimento da venda de produção literária teve o maior destaque no mercado de consumo. A partir daí houve favorecimento das camadas médias e a materialização no mercado de consumo.

No Brasil, a quebra dessa Literatura de estereótipos, foi dissolvida por um dos maiores escritores para crianças, Monteiro Lobato, que escreveu o Sítio do Pica Pau Amarelo, trazendo marcas de uma Literatura que rompe com essas convenções herdadas do povo europeu, trazendo as ideologias de sua época, segundo Zilberman (1994)

O papel exercido por Monteiro Lobato no quadro da literatura infantil nacional tem sido seguidamente reiterado, e com justiça. É com este autor que se (ou melhor: começa a ser rompido) o círculo da dependência aos padrões literários provindos da Europa, principalmente no que diz respeito ao aproveitamento da tradição folclórica. (p. 54)

Nas obras lobatianas, tanto as originais quanto as adaptações, trazem redescobertas, utilizando memórias culturais para dar vida aos personagens,

como podemos perceber nos personagens que compõem o Sítio do Pica Pau Amarelo. Que tem como objetivo levar à criança, o conhecimento, por meio de uma Literatura prazerosa, que acarrete discernimento e questionamentos dos valores e não valores, que o tempo cristalizou, e, cabe ao leitor redescobrir ou renovar tais valores. Novaes (1991).

Sem dúvida nenhuma, Lobato desempenhou um papel importantíssimo na criação literária para criança, servindo como modelo de inspiração para o surgimento de novos escritores, seja de meros copiadores de sua obra, seja de criadores de novas produções.

1.2 AS TENDÊNCIAS DA LITERATURA INFANTIL

Novaes (1991) afirma que há três tendências da Literatura Infantil atual que favorecem o universo das crianças, servindo de base para novos escritores, sendo elas: a realista, a fantasista e a híbrida. Em que, a realista manifesta a realidade percebível pelo senso comum, que envolve alguns aspectos (testemunhar, informar, apelar para a curiosidade e o prepara para o psicológico); a fantasista, que valoriza a imaginação e se desprende do real; e a híbrida que considera tanto os aspectos reais quanto os imaginários.

Entre essas tendências acima citadas, destaca-se a híbrida, a qual segue o tipo de produção literária inaugurada por Monteiro Lobato, em que aborda o mundo real e mágico, presentes na Literatura contemporânea. O espaço remete o cotidiano, familiar à criança por meio de uma criação literária que traz o fascínio, o estranho, o mágico de maneira natural, considerando o maravilhoso da Literatura Infantil, nacional. Novaes (1991).

Neste contexto as obras Lobatianas oferecem histórias atraentes, desmistificando convenções, que ao mesmo tempo diverte o leitor, mas também, estimula a consciência crítica, que por meio da linguagem artística desperta para as inquietações do mundo real. Monteiro Lobato rompe com os modelos extraídos da Europa, criando uma literatura onde as crianças pudessem “morar”. E o que revela a uma carta a Rangel, em maio de 1926:

... Ando com ideias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para marmanjos já enjoei. Bichos sem graça. Mas para crianças um livro é todo um mundo. Lembro-me de como vivi dentro do Robinson Crusoé de Laemmet. Ainda acabo fazendo livros onde nossas crianças possam morar. Não ler e jogar fora, sim morar, como morei no Robinson e n'Os Filhos do Capitão Frant (Lobato, apud Coelho, (Idem, p. 228).

É neste sentido que a Literatura Infanto/Juvenil desempenha um contexto importantíssimo, nos textos que façam sentido ao leitor, ajudando-os na construção de seus conceitos.

Com isso a criança entra em contato com os textos que façam sentido para ela, cabe ao professor abarcar com um bom acervo literário, pois dentro da instituição de ensino, é o que detêm maior responsabilidade, para o incentivo à leitura. Logo, com seu conhecimento literário, favorecerá a ela às escolhas de livros de qualidade. Por tanto, as obras lobatianas precisam fazer parte do acervo do educador, pois esses textos apresentam críticas, anseios, medos, que fazem parte do cotidiano.

No caminho trilhado, por esse universo apaixonante, podem-se perceber as transformações que a Literatura Infanto-Juvenil sofrera, em que seu personagem principal, o infante, atravessou épocas desprovidos de interesses, sendo visto como um ser frágil e improdutivo.

No entanto, hoje, já pode falar na criança direcionando valores de forma diferenciados, o qual precisa desenvolver sua criticidade, na busca de sua identidade social. Logo, o livro infantil de hoje, apresenta realidades, fatos, acontecimentos, que de alguma maneira interfere na vida do leitor – criança. É claro que, ainda existem livros apenas com técnicas educacionais, mas devem-se fazer escolhas, antes de chegar à mão delas.

Todavia, para que esse caminho seja nutrido de maneira positiva, é necessário à quebra dos estereótipos e buscar incentivos e calçar cada vez mais trilhas que levem a criança para seu próprio reconhecimento, direcionando-o para uma leitura prazerosa e proveitosa no mundo delas.

1.3 LEITURA E LITERATURA INFANTO/JUVENIL: UMA ESCOLARIZAÇÃO INADEQUADA.

Uma das temáticas mais importantes da Literatura Infanto/Juvenil, é sem dúvida, a possibilidade que a mesma abre para uma aproximação de cunho afetivo e envolvimento da criança com o universo da escrita e a leitura. Sendo assim, faz-se necessário discorrer sob uma perspectiva crítica a respeito da relação entre leitura, literatura e o trabalho desenvolvido no ambiente escolar.

No que tange o processo de ensino e aprendizagem deve se pensar numa forma de associar a arte literária ao ambiente escolar, buscando um ideal de uma sociedade leitora de textos literários, já que na prática escolar se dá muito mais ênfase à escrita do que a leitura, afinal, sabe que desde o início da escolarização a criança entra em contato com a Literatura, por meio de texto, mas em sua maioria é utilizado simplesmente com o intuito de ensinar a língua materna, retirando da mesma sua verdadeira função.

Nas palavras de Soares (2001) as questões de como as escolas trabalham a Literatura Infanto/Juvenil de forma errônea, pois acabam assassinando o texto literário apresentando-o para as crianças com adaptações somadas a utilização de fins meramente de decodificação de códigos. O texto torna-se algo sem fundamento, pela metade, principalmente, não permite que o leitor crie possibilidades de leitura e acaba por afastar o leitor do gosto literário.

Vale ressaltar, ainda, que esses fatos acima mencionados advêm das relações entre Literatura Infantil, e escolarização, que são mal elaboradas, em que a escola se apropria para atender seus fins específicos, surgindo assim o termo “escolarização da Literatura Infantil”, que segundo ela somos reféns desse processo pedagógico:

Defendemos que essa escolarização é inevitável, Porque é da essência da escola a instituição de saberes escolares, que se constituem pela didatização ou pedagogização de conhecimentos e práticos culturais (Soares, 2001, p 47).

Neste sentido a escolarização da literatura seja vista de uma forma negativa, mas a maneira como ela é escolarizada que é algo negativo, pois na maioria das vezes possui objetivos alheios à necessidade e ao interesse do aluno. Portanto, essa prática apesar de necessária, deve-se discernir o uso adequado e inadequado dessa escolarização:

Adequada seria aquela escolarização que conduzisse eficazmente às práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores próprios do ideal de leitor que deve formar; inadequada é aquela escolarização que deturpa, falsifica, distorce a literatura, afastando, e não aproximando, o aluno das práticas de leitura literária, desenvolvendo nele resistência ou aversão ao livro e ao ler. (Soares, 2001, p 47).”.

A leitura literária tem como finalidade propiciar uma interação, tanto para quem ler quanto para quem escuta como também o contato com o desconhecido, outros ambientes, outros tempos, relação enriquecedora que se fazem com os personagens fictícios, assim uma brincadeira que vai além de uma diversão descartável, mais que contribui para um jogo sedutor entre o leitor e o texto. Ana Maria Machado tece considerações ao contato da leitura de clássicos desde cedo, pois estes são constituídos de todos esses aparatos significativos na formação do leitor, menciona a colocação de George Stuner, sobre uma definição de clássicos:

Defino um clássico, na literatura, na música, na arte, nas argumentações filosóficas, como uma forma significativa que nos “lê”. (...) mais do que nos livros. Não há nada paradoxal nem místico nessa definição. Cada vez que o enfrentamos o clássico nos questiona. Desafia nossos recursos da consciência e do intelecto, da mente e do corpo (grande parte da resposta estética primária, mesmo intelectual, é corpórea). O clássico fica nos perguntando: Entendeu? Está imaginando de forma responsável? Está preparado para agir baseado nessas questões, nas potencialidades de um ser transformador e enriquecedor que eu estou colocando diante de você? (Stuner,apud Machado, 2002, p.23).

Neste sentido é necessário que o educador busque desafios para que se a suas perspectivas sejam inerentes e relevantes na busca pela leitura atrativa e estimule as habilidades e capacidades das crianças. Ao passo que se torna evidente a necessidade de ter-se um educador dentro de nosso recinto de aula, sobretudo nas séries iniciais, com aptidão à apreciação crítica, fazendo relações as fase e aos interesses de seus alunos com o intuito de fazer com que se sinta atraído pelo texto literário, havendo uma relação expressiva com a leitura e o infante. Zilberman defende que o professor deve dá ênfase a leitura “...questionadora e detalhada...”. A autora afirma:

...ao professor cabe o detonar das múltiplas visões que cada criação literária sugere, enfatizando as variadas interpretações pessoais, porque estas decorrem da compreensão que o leitor alcançou do objetivo artístico, em razão de sua percepção singular do universo representado (1987, p.24)

Entretanto, almeja-se contribuir com a ampliação dos horizontes que compõe essa problemática da educação voltada a formação do leitor literário. Aprimorar ideias necessárias ao professor mediador nessa prática de desenvolvimento da leitura, em que a torne parte essencial no seu trabalho.

Tendo em vista que, o processo de ensino aprendizagem submerso a leitura, a literatura, só surtirá efeito caso o professor esteja habilitado com um bom repertório literário e especialmente refletindo sobre as práticas culturais, fornecendo uma construção que acate a linguagem artística.

Partindo do fato da relação que a criança constrói com o livro, menciono a biblioteca escolar, que deveria exercer um papel social como disseminadora de leitura, ao passo que muitas crianças veem nela a única oportunidade de acesso aos livros que não são os didáticos.

Segundo Soares (2001), a biblioteca deveria ser um local de livre acesso, porém a escola por sua vez, escolariza-a também, determinando uma série de rituais a serem seguidos, antes mesmo que a criança possa entrar em contato com o livro, ou seja, a organização do espaço é proposta conforme os interesses da escola, colocando-a como suporte informacional ao estudo e à pesquisa.

Organização do espaço e do tempo de acesso a livros e leitura onde- se pode ou se deve ler (na própria biblioteca escolar? Em que lugar da biblioteca?), quando e durante quanto tempo se pode ler (durante a “aula de biblioteca”?) quando se pode ir a biblioteca buscar um livro? Quanto tempo pode ficar com o livro? (Idem, p.23).

Com esses questionamentos devemos atentar para o fato que, muito mais do que um espaço educativo, a biblioteca escolar, deve ser um local para exercício da leitura como uma atividade natural e prazerosa, em que a criança possa explorá-la; exercendo sua função tal como ela é:

...E uma biblioteca é um centro de descobertas, de silêncio representante, de provocação para o olhar, mexer e encontrar algo de saboroso ou novidadeiro... de personalidades de sentar numa mesa e ficar por muito tempo virando páginas e páginas de livros raros, não encontráveis em casa... Um lugar onde se pode folhear qualquer espécie de livro publicado, brincar com dicionários e buscar palavras novas, imagens em livros de artes ou em revistas ou em jornais de antigamente... Enciclopédias que têm verbetes sobre tudo, imensas, que pedem tantas vezes que se as leia de pé, tal o tamanho delas. E, sobretudo, possibilidades de encontrar toda espécie de livros que propiciem encantamento, ludicidade, prazer, descobertas... (Abramovich, 2006, p. 162 – 163)

Para tanto, é necessário promover um trabalho que envolva professores, alunos, ambientes escolares e espaços destinados a leitura que possam desenvolver nas pessoas, principalmente, na criança, um espírito crítico, provocando, enriquecendo e encaminhando à reflexão.

1.4 A IMPORTÂNCIA DO OUVIR, LER E CONTAR HISTÓRIAS.

Entreter-se com personagens, viajar a lugares distantes e tão próximos do real, sentir o lúdico presente no brincar das palavras de um poema, confortar-se com o carinho do modo como a essência das histórias escutadas, lidas e contadas, além de ajudar as crianças a compreender o mundo interno e externo a elas, é uma forma significativa e feliz de iniciar o processo mágico da alegria proporcionada no prazer da leitura de textos literários.

Oferecer história infantil a uma criança é permitir, despertar o imaginário para infinitas e profundas relações de expressividades e sensações, que marcarão hoje e sempre a memória deste ser repleto de afetividade a tudo o que é capaz de lhe sugerir uma liberdade lúdica, pois nesta fase da vida, a maior essência está ligada as brincadeiras, aos sonhos e a felicidade que significam a vivência de uma infância alimentada de transpirações e alegria. Assim sendo, a melhor fase para estimular a paixão pela leitura.

Como afirma a escritora Ana Maria Machado no seu testemunho, ela descreve muito bem as recordações da sua infância ligada ao convívio literário que a, mesma teve a felicidade de viver e mantém até hoje em sua recordação, sentimentos e histórias que com certeza enriqueceram sua formação e contribuíram para o seu imaginário com muitas histórias como a relatada a seguir:

Não sei direito com que idade eu estava, mas era bem pequena. Mal tinha altura bastante para poder apoiar o queixo em cima da escrivaninha de meu pai. Diante dele sentado escrevendo, eu vinha pelo outro lado, levantava os braços até a altura dos ombros, pousava as mãos por cima das outras no tampo da mesa, erguia de leve o pescoço e apoiava a cabeça sobre elas. A ideia era ficar embevecida, contemplando de frente o trabalho paterno bem apaixonadinha. Por ele como já explicava Freud, mas eu só descobriria anos depois.

Só que no meio do caminho tinha outras coisas. Bem diante dos meus olhos, na beira da mesa. Uma pequena escultura de bronze, esverdeada e pesada, numa base de pedra preta e bem lustrosa. Dois cavalos. Mas exatamente, um cavalo esquelético seguido por um burrico roliço. Montado no primeiro, e ainda mais magrelo, um tristonho cavaleiro de barbicha segurava uma lança numa mão e um escudo na outra escurapachado no jumento, um gorducho risonho, de braço estendido para os altos, erguia o chapéu como quem dá vivas.

Um dia perguntei quem eram.

-- O da frente se chama Dom Quixote. O outro, Sancho Pança.

-- Quem são eles?

-- Olhe, é uma história comprida... Um dia eu te conto.

Em seguida, eu quis saber onde eles moravam. Se era ali perto de casa em Santa Teresa, no centro do Rio. Ou em Petrópolis, onde moravam meus avós e gente às vezes passava uns dias, em Vitória, onde viviam os outros avós. Eram essas as referências de minha geografia infantil – só aos seis anos esse mundo se alargaria, quando nos mudamos para a Argentina.

-- É na Espanha, muito longe daqui – disse meu pai. Fez uma pausa e completou:

-- Mas também, foi até a estante, pegou um livro grandalhão, sentou-se numa poltrona e me mostrou. Lá estava várias figuras dos dois em preto e branco.

-- Outra hora eu conto, agora vá brincar...mas eu sabia que depois ia ter histórias. E isso já me deixava feliz.

Não recorro bem o que pensei. Posso ter me distraído com outras coisas. Posso ter lembrado a cantiga de roda que dizia “Fui na Espanha /Buscar o meu chapéu/ Azul e Branco / Da cor daquele céu...”

Afinal, era lá que eu iria quando chegasse a hora de ouvir história prometida. Na sei, há coisa que a memória da gente não guarda. Mas nunca vou esquecer as aventuras de Dom Quixote que meu pai foi me contando aos poucos, com suas próprias palavras, enquanto me mostrava às ilustrações. (Machado, 2002, p.7-8-9)

Todavia este relato de memória é capaz de elucidar questões que constituem o universo infantil de uma criança privilegiada, a qual teve por perto pessoas com o repertório literário que serviu não só como exemplo, mas acima de tudo souberam transmitir e se comprometer com a formação da criança enquanto leitor, sem desconsiderar as oportunidades emotivas vivenciadas pela mesma a cada oportunidade que lhe era disponibilizada. Portanto, é de fundamental importância, analisar as necessidades da criança em conhecer obras de qualidades e que sejam possíveis de tornarem-se nítidas nas

lembranças infantis, obras estas que devem ser possibilitadas na família ou na escola enriquecendo a formação literária do ser.

Há uma grande diversidade de recursos que a Literatura Infanto/Juvenil oferece o seu deslumbramento na formação do leitor de textos literários, Fanny Abramovich,(2006) em seu livro “Literatura Infantil Gostosuras e Bobices” tece comentários plenos de significação neste sentido, ela assim como Machado recorda sua iniciação à leitura: “Meu primeiro contato com o mundo mágico das histórias aconteceu quando era muito pequenina, ouvindo minha mãe contar algo bonito todas as noites antes de eu adormecer, como se fosse um ritual...”(p.10)

2. A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTO/JUVENIL NA FORMAÇÃO LEITORA

A literatura infanto-juvenil pode ser mais uma ferramenta de formação para o desempenho do aluno nas séries iniciais, tendo em vista que, é instrumento supremo para desenvolver a capacidade e a habilidade da leitura. Ouvir histórias diversificadas, de forma dinâmica é importante para a formação do leitor e proporciona ao ouvinte a integração dentre outros contextos.

O anseio pela leitura se dá num processo contínuo individual e coletivo. A criança deve estar em contato com livros e com as histórias infantis, desde muito cedo, como caráter educativo, fortalecendo seus ideais.

Os textos literários na formação do leitor infanto/juvenil deverá sempre privilegiar uma orientação criativa. À medida que esses textos literários forem trabalhados o educando poderá refletir sobre as problemáticas inerentes no seu contexto social, possibilitando questionar o crítico sobre a realidade.

Trabalhar Literatura Infanto/Juvenil em sala de aula é criar condições para que se formem leitores de mundo, capaz de ampliar suas competências e desenvolver sua habilidade de ver o mundo e dialogar com a sociedade.

Tendo em vista que, a importância do hábito de ler, contação de história, para uma criança, obviamente estamos cooperando para recuperar partes de uma infância que se perdeu num tempo em que usavam a linguagem de seus sonhos para conversar com fadas e enfrentar gigantes.

O texto literário na escola e no lar representa um forte estímulo na aprendizagem e na leitura. As obras de narrativas literárias infantis têm como propósito desenvolver a imaginação, emoções e sentimentos, materializando e traduzindo um mundo de desejo entre o sonho e a realidade.

Como a autora Abramovich diz: “Ao ler para uma criança desenvolve todo o seu potencial crítico. A partir daí, ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar...” (1989, p.143). Ela afirma ainda:

A razão e imaginação não se constroem uma contra a outra, mas ao contrário, uma pela outra. Não é tentando extirpar da

infância as raízes da imaginação criadora que vamos torná-la racional. Pelo contrário, é auxiliando-a a manipular essa imaginação criadora cada vez mais habilidade, distancia. O que supõe quase possível, mediação do adulto, diálogo. (p.48).

Portanto estudar literatura produzida para infante/juvenil não é uma tarefa simples, a dificuldade maior ainda é trabalhar diretamente com as próprias crianças, é preciso está sempre ligado a suas preferências, ouvir suas opiniões sobre leituras, assim, a importância desta pesquisa é busca possibilidades de melhor preparo tanto para a seleção de obras, diálogo do convívio social, de forma atuante e transformadora. Garcia, afirma:

Mediar à leitura é estar no meio de uma atividade essencial à escola, à vida, sem tomar nas mãos as rédeas do progresso, como se fosse o professor o único, a saber, o caminho; é estar presente mesmo que sutilmente ausente; é saber que o ato de ler é condicionado por condições e características psicológicas, sociais, econômicas e intelectuais de cada indivíduo e, nesse sentido, cada leitura faz parte de um todo maior (1992: 37)

Ainda neste sentido é preciso conduzir as crianças a ampliação e a educação do olhar destas, tanto para a literatura, quanto para a arte, e assim, formar leitores literários.

3. A ESCOLA E O TEXTO LITERÁRIO: A DURA REALIDADE

O levantamento do estudo da pesquisa realizou-se no campo educacional em que foi investigada especificamente a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental “Santa Clara”. A finalidade desta pesquisa foi averiguar como se dá a prática da Literatura Infanto/Juvenil no processo da formação de leitores do texto literário. O público alvo da pesquisa foram os professores de 1º ao 5º Ano.

Para o desenvolvimento do trabalho foi observado às aulas de língua portuguesas, na qual a Literatura Infantil exerce papel secundário, nas séries iniciais, o professor tem a liberdade de escolha para seleção de quando e como direciona o caminho do aprendiz para a proximidade com o literário.

Posteriormente, a análise de cunho exploratório com os professores efetuou-se dentro de uma ação questionadora, em que, apontaram-se dez perguntas referentes à prática docente, no que se refere à formação de leitores literários, buscando examinar além da prática, a instrução e relação que o mesmo tem com a Literatura Infantil.

O trabalho, por mais, simples que pareça, configura-se de maneira importante para a análise dos dados concretos da pesquisa, haja em vista que, tanto as observações das aulas de Língua Portuguesa, quanto à aplicação dos questionários foram acentuadas para constatação dos fatos.

É relevante registrar os obstáculos enfrentados no decorrer deste trabalho, pois a resistência da escola e dos docentes, em abrirem espaço para a realização da coleta dos dados necessários para a investigação.

A escola por sua vez, permitiu a pesquisa, porém as dificuldades foram com os docentes, em que tentaram dificultar ao máximo as observações de suas práticas no que diz respeito à Literatura Infantil.

Apesar da dificuldade de desenvolver a atividade nos raros momentos do contato com a sala de aula foi possível à constatação de um trabalho insuficiente e pouco cativante para a formação de leitores literários, já que os docentes priorizam o trabalho com a gramática e produção escrita, oferecendo às crianças atividades que se resumem a cópia e leitura a partir do quadro.

Neste contexto fizeram-se algumas observações das aulas de Língua Portuguesa. As oportunidades observativas da escola, quanto ao aspecto físico, quantidade de alunos e prática dos docentes. No geral foi observado aulas das séries iniciais, da educação básica, em que, os espaços físicos resumem-se em salas quentes e com uma média de 33 a 40 alunos por turma. As paredes geralmente contendo cartazes confeccionados, em sua maioria pelos professores, sempre com uma espécie de conteúdo gramatical (substantivo masculino e feminino/ comum e próprio, alfabeto, vogais e outros).

Pode-se constatar uma dura realidade quanto à relação da escola com o texto literário, pois este em suma quase nunca é trabalhado em sala, e quando é, ainda, ocorre de modo insuficiente para a contribuição da formação do leitor literário, devido ao costume errôneo como os docentes utilizam. Aqui serão adotadas algumas observações para exemplificação:

Em uma turma do 1º Ano, a atividade proposta pela educadora foi “Recorte e Cole”, as crianças mostram – se interessadas, porque gostam de recortar e colar. O “porém” dessa atividade está no material que a professora entrega para esse exercício e no que elas deveriam recortar e colar. Livros de histórias infantis ilustrados, esse é o material base que os alunos utilizam para recortar palavras que iniciassem com vogal, letras para formar o próprio nome e ainda formar o alfabeto. Observa-se que muitos alunos demonstraram interesse em saber do que se tratavam as histórias, observavam as ilustrações contidas nesses livros. Mas, a atividade não era para leitura, e estes foram obrigados a fazer o proposto. A professora não se dispôs em nenhum momento aproveitar o interesse das crianças, a sede que seus alunos tinham em ouvir histórias naquele momento. No entanto, não tinha o domínio da leitura, o que impedia de saciar a curiosidade das histórias que estavam recortando.

É possível perceber claramente, o tratamento que, os docentes dão a Literatura Infantil, e seguramente pode afirmar que isso decorre da má escolarização da Literatura Infantil.

Agora com alunos de 2º Ano, a professora inicia sua aula com um texto escrito na lousa e algumas questões pertinentes ao mesmo. Os alunos copiaram o mesmo, e em seguida participaram de uma “leitura obrigatória”, em que todos deveriam ler em voz alta, o que estava no quadro (o texto tinha referência ao dia da árvore), quem não participasse, era ameaçado pela

professora de ser posto a ler sozinho. Com isso muitos, apenas gesticulavam, fingindo estar lendo. Após essa leitura a professora não comentou o texto, nem disse quem era o autor, apenas limitou-se a resolução das questões propostas.

Assim, notar-se o modo que comumente a leitura é trabalhada nas escolas, sem um compromisso de formar leitores de textos literários, pois submeti – os as atividades com textos meramente pedagógicos e de cunho informativo e educacional do que julgam ser necessário. Descartam o texto literário e, ainda, obrigam as crianças a participarem de atividades que refletem negativamente por muito tempo em suas vidas, uma vez que, roubam das mesmas o contato com a Literatura Infantil e torna a leitura algo chato, oferecendo um grande risco de formar seres “vacinados” contra o ato de ler.

Novas vítimas, agora com alunos de 3º Ano, a educadora utilizou um livro de histórias infantis contendo, além do texto escrito, imagens. Porém, o mesmo foi direcionado ao ensino da gramática. O livro optado para esta atividade foi “Bambi”, a docente, porém não informou o autor do mesmo.

Os pontos dessa atividade resumem-se na divisão da turma em grupo. Seguindo-se com leitura do texto pela professora. A leitura ocorre em meio a intervenções que a docente faz para explicar os “sinais de pontuação” e suas respectivas entonações. Retoma um conteúdo trabalhado anteriormente sobre o substantivo e finaliza a atividade com o ensino do pronome (pois o pronome substitui o substantivo). Essa prática, porém, é infeliz, uma vez que não alcança o papel que o docente deveria exercer, enquanto mediadora na formação leitora. E ainda não é capaz, se quer, de despertar o interesse do aluno nem pelo conteúdo da língua, nem ao gosto pela leitura. Pois, para que esse processo ocorra de modo satisfatório é necessária à noção de alguns cuidados que se desprendam do uso da gramática e, fazem a relação com outros aspectos que a Literatura Infantil, oferece positivamente nesse processo da formação de leitor do texto literário, sendo detentora de recursos capazes de tornar a leitura algo prazeroso e fluido.

Nesta prática, o ideal seria a professora proporcionar a seus alunos um momento de cumplicidade entre a leitura do livro e os alunos de modo atentar para a investigação do imaginário das crianças, correspondendo à expectativa de seus alunos. Porém, a mesma não obteve essa correspondência, já que o

modo como a Literatura foi trabalhada com o intuito de ensinar técnicas gramáticas da língua, quebrou todo laço afetivo possível de existir e, desta forma, o resultado de sua aula, pois mais que se esforçasse, não passou de muitos alunos dispersos, inquietos, sem prestar atenção na explicação que estava sendo colocada para eles.

Em seguida foi feita a observação de uma turma de 4º Ano, em que, a professora por meio de comentário informal queixa-se da grande dificuldade dos alunos em ler e escrever. No entanto, nas aulas observadas da mesma, em nenhum momento houve uma atividade, direcionada a prática da leitura. Todas as aulas foram de cunho conteudistas, gramatigueiras, em que os alunos faziam uso do texto para retirar o assunto que havia sido ministrado.

No entanto, pode-se constatar a dura realidade na qual os alunos estão submetidos na escola, pelos docentes, os quais não recebem suportes que facilitem o contato com o texto literário. Os fatores para essa constatação são inúmeros, dentre os quais está inserido as consequências de um processo de má escolarização, prática equivocadas com a leitura, formação do professor enquanto mediador nesse processo de desenvolvimento do leitor de texto literário e tanto mais, e para melhor concisão dos dados, partirei à análise dos questionários que foram direcionados a professores de séries iniciais.

4. AS CONTRIBUIÇÕES OFERECIDAS PELA LITERATURA INFANTO/JUVENIL À FORMAÇÃO DOS LEITORES LITERÁRIOS.

A Literatura Infanto-Juvenil terá grande influência na formação da criança, na qual buscará relações com sua vida; logo o texto literário deve fazer parte de sua vida escolar, e para que isso ocorra, cabe ao professor, como mediador desse processo, principalmente nas séries iniciais, produzir mecanismos para que as crianças tornem-se leitores de textos literários, abarcando uma produção artística de qualidade, a qual faça uso da Literatura focada num principal objetivo que além de desenvolver o senso crítico, desperte o gosto pela leitura literária. Concorde com a colocação de Paiva e Maciel (2005)

Buscamos, desde as séries iniciais, uma relação literária com os textos, que transcenda das suas limitações inadequadas escolarização. Ler literalmente esses textos, desde o início do processo de escolarização. Lê-los literalmente significa resgatar aquela confiança que foi perdida na didatização da literatura, recuperando propostas adequadas de textos produzidos para o público infantil que não se limitem à condição de mais um apêndice para aquisição da leitura e da escrita. (2005, p 115-116)

4.1 AS CONCEPÇÕES DE LEITOR, LEITURA E LITERATURA NA PRÁTICA DOCENTE.

É necessário que se certifique das contribuições da Literatura Infantil como processo ativo e necessário para a formação de leitores de textos literários visto que há uma ausência de leitores, o que nos faz perceber que a Literatura Infantil não está sendo aproveitada como forma de instigação de prazer pelo artístico, pelo literário.

Deve-se, portanto, rever os laços entre professores e obras literárias, os alunos e a leitura, em que a escola promova incentivos capazes de colaborar para uma saudável proveitosa relação com a leitura.

4.2 AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTO/JUVENIL NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO.

O contato com as narrativas desde cedo é fundamental para a formação do leitor de textos literários, deve-se apresentar para a criança diversas oportunidades de leituras literárias, além de conhecer, sinta entusiasmo e passe a exprimir seu gosto pela leitura, a partir das referências que teve, deve facilitar o contato entre a criança e a leitura de textos literários, em que, ela sinta a liberdade para explorar um universo, sem que este seja, forçado, obrigatório pois como diz Machado :

Ninguém tem que ser obrigado a ler nada. Ler é um direito de cada cidadão, não é um dever. É alimento do espírito. Igualzinho à comida. Todo mundo deve ter a sua disposição de boa qualidade, variada, em quantidades que saciem a fome. . Mas é um absurdo impingir um prato cheio de comida pela goela abaixo de qualquer pessoa. Mesmo que se ache que o que enche aquele prato é a iguaria mais deliciosa do mundo. (Machado 2002, p. 15)

4.3 A CONTRIBUIÇÃO PODEROSA DA LITERATURA INFANTIL PARA OS USOS DA LÍNGUA E DA LINGUAGEM DE MODO GERAL.

Os textos literários por sua vez têm a objetividade inicialmente de encantar as crianças e adolescentes, o qual através da fantasia possibilita diferentes leituras. Há uma briga muito grande em diminuir a distância entre a criança e o livro, pois estão rodeadas de tecnologias, são seduzidas pela televisão, pelo vídeo game e ainda pelo computador, não que esses não exerçam papel importante no desenvolvimento cultural de um povo. Faz-se necessário dizer, que os atrativos da vida moderna instigam de alguma maneira a leitura, porém os textos literários, cheios de fantasias, reúnem características necessárias e indispensáveis ao ser humano, que vão além do papel pedagógico.

Embora, o convívio com essa tecnologia seja necessário, podemos perceber que a Literatura Infantil, no decorrer de sua trajetória atinge nosso imaginário, e isso é fator decisivo para criarmos o prazer da leitura e que, hoje, apesar da tecnologia e dos recursos literários sejam utilizados como suportes

para o ensino da língua materna, com a gramaticalização da literatura, faz-se necessário criar mecanismo que contribuam para uma nova prática.

5- CONSTATANDO DOS FATOS.

Para realização da pesquisa, foi necessário observar as aulas de Língua Portuguesa, para assim verificar o trabalho desenvolvido nas salas de aulas, a respeito da Literatura Infanto/Juvenil. Logo se fez necessária aplicabilidade de algumas indagações aos docentes de 1º ao 4º Ano, público alvo da investigação, em virtude de perceber se a teoria e práticas caminham juntas nesse processo de formação de leitores literários.

As indagações foram feitas por meio de um questionário, composto por algumas perguntas intencionais, abertas, em que se pôde constatar a realidade dos fatos vivenciados na escola pesquisada.

A pesquisa iniciou com uma pergunta importante, que foi: *“Para você o que é leitura?”* As respostas foram quase que unânimes em revelarem que leitura é uma forma de obter conhecimento e que através dela se pode descobrir o mundo.

Professor: 01: *“É um modo de adquirir conhecimento”.*

Professor: 02: *“É uma maneira interessante de se obter mais conhecimento, uma pessoa que ler, tem um modo de ver as coisas diferentes”.*

Professor: 03: *“Leitura é o meio pelo qual nós descobrimos o mundo ao nosso redor”*

Porém, o que se pode observar nas aulas, foi uma leitura superficial, em que, a atividade com a mesma resumia-se a uma leitura obrigatória do que estava exposto no quadro. Todas as crianças deveriam ler juntas. No entanto, algumas se recusavam a participar desse tipo de leitura, permanecendo caladas ou gesticulando; provocando certa ira na professora, a qual, repreendia os alunos que não contribuía nessa atividade, por meio de ameaças variadas (ler sozinho, perda de pontos e proibição do recreio).

Isto mostra que na escola continua a formar alunos mecânicos que apenas decifram os textos, ou seja, não são instigados ao prazer pela leitura e as consequências disto refletem e perduram por longos anos de vida. Há inovações de práticas pedagógicas, porém ficam sempre de maneira superficial, uma vez que a Literatura Infantil apresenta importantes suportes para o envolvimento e principalmente para o estímulo da leitura, porém

excluem essa ferramenta. Como revela Soares “Ler é ampliar horizontes e a literatura será tanto melhor quanto mais provocar o seu leitor.” (2001, p.242).

Todavia, esse tipo de trabalho desconsidera os valores da literatura infantil na formação de leitores literários, e apresentam um resultado negativo, visto que é incapaz de estimular o imaginário, o lúdico das crianças, tornando o ato de ler chato e sem sentido.

No questionamento, *“Como você entende seu papel como mediador de leitura?”* Os docentes vestiram a responsabilidade de formar leitores, em que deveriam servir de estímulo, e, despertar no educando o hábito da leitura, inclusive a literária.

Professor 01: *“como um promovedor de estímulos, fazendo com que se possa despertar o interesse pelo hábito da leitura, e da literária também”.*

Professor 02: *“É de suma importância, haja vista que sou responsável por despertar o interesse no educando e por meio da leitura ele começa a reconhecer o mundo de forma mais crítica”.*

Professor 03: *“Eu entendo, como fator primordial, pois são nas séries iniciais que são plantadas diversas sementinhas, inclusive a sementinha do amor pela leitura”.*

Mas como despertar o interesse nos alunos, se a maioria não possui o hábito de ler? É o que revela a pesquisa, que a maioria dos docentes quando perguntados consideravam-se leitores literários, responderam que “não.” Então como incentivar as crianças para o gosto literário? Como revela:

O papel do professor é fundamental na mediação entre a criança e a literatura, cabendo-lhe o compromisso do estudo, da reflexão, do conhecimento das obras infantis e de seus critérios de seleção, da sua formação pessoal como leitor, que dá vida ao texto, preenchendo suas lacunas com a própria experiência (Nicolau e Dias, 2003, p.118).

É irrelevante a necessidade de um professor leitor, em que ele perceba sua importância como mediador desse processo, e, possa dimensionar sua prática de leitura, especialmente a literária; certos de que a Literatura Infantil é uma poderosa fonte de formação do ser. O educando, portanto, deve ser crítico e reflexivo perante suas escolhas, adequando-as às necessidades do leitor-criança.

A escola por sua vez, também, deve exercer um papel propiciador para a instigação literária. Mas os docentes questionaram a respeito da mesma, a qual possui um acervo infantil insuficiente, e poucos procuram a biblioteca. Desta forma, percebe-se na prática em sala de aula, a deficiência, em trabalhar com o livro infantil, pois em vez de aguçarem a curiosidade das crianças, utilizam as histórias infantis como recortes para ensinar a Língua Portuguesa.

Ficou claro em as observações que os docentes trabalham a Literatura Infante/Juvenil como ponte para o deciframento de códigos; para o ensino da gramática, e, apesar de revelarem que a Literatura Infantil contribui de maneira significativa para a formação de leitores, os mesmos ainda estão atrelados a uma prática pedagógica; uma escolarização, em que a leitura literária permanece à margem, e, o que prevalece é o ensino da língua materna. Não que o ensino da língua, não seja importante, porém devem o fazê-lo sem assassinar a literatura. Neste contexto se faz refletir sobre os questionamentos de Soares (2001), a respeito da escolarização literária:

O que se deve negar não é a escolarização da literatura, mas a inadequada, a errônea, a imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendido que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o (p.22).

Questionados sobre como ocorre à prática da Literatura Infantil na sala de aula, percebe-se uma contradição que há entre o que dizem e o que fazem, pois em suas respostas dizem trabalhar com algumas obras de Monteiro Lobato, sempre contar história e a realização do cantinho da leitura, trabalho com teatros, fantoches e leituras de texto.

Professor 01: *“Trabalho com algumas obras de Monteiro Lobato, pois acredito que está mais próxima a realidade dos alunos”.*

Professor 02: *“Através de brincadeiras, histórias, teatros, fantoches etc.”.*

Professor 03: *“A Literatura Infantil está presente no início da aula, que conto estórias e discuto sobre elas, há ainda na sala um “cantinho de leitura”. Neste espaço realizamos leitura de diferentes textos e leitura de mundo”.*

Porém, em nenhum momento foi presenciado esses recursos na sala de aula, mas sim demonstram uma prática obsoleta, que descartam as marcas que a Literatura Infantil oferece na formação do leitor.

Quanto à necessidade de se trabalhar com a Literatura Infantil nas séries iniciais, os docentes destacam Literatura Infantil como fundamental no despertar nas crianças o desejo pela leitura desde cedo, estimulando-os para realização de leituras literárias. No entanto, entre o questionamento houve um que estabelece uma condição, a qual tem haver com a fácil compreensão da leitura e proximidade com a realidade da criança, descarta a importância das obras fictícias.

Professor: *“Sim, se essas leituras forem de fácil compreensão e estiverem próximas da realidade do aluno, não vejo por que não utilizá-las”.*

Portanto, nota-se a postura do docente que acha que a Literatura Infantil, tem que ser fácil, subestimando a capacidade da criança, além de desconsiderar a importância de obras que transportam a mesma para um mundo diferente do que vivem. Acredito que a prática realizada pelos docentes tem relação direta com a formação profissional dos mesmos, na qual, revelam não ter recebido nenhum conhecimento direcionado com a Literatura Infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Trabalhar Literatura Infanto/Juvenil, foi uma forma decisiva para o questionamento que encaminhou a uma pesquisa direcionada a investigação da prática pedagógica dos docentes enquanto mediadores no processo de formação do leitor de textos literários.

Através das noções acerca da Literatura Infantil podem-se compreender melhor as discussões pertinentes à leitura, enquanto atividade que recebe influência direta da cultura de uma sociedade. Sabendo que de modo geral o ensino da Língua Portuguesa é estritamente atrelado ao estudo normativo da língua. Cabendo à Literatura um espaço secundário, mínimo e insuficiente para a formação do leitor literário.

Mediante este cenário, que é reflexo de um processo histórico da própria Literatura Infantil, o qual envolve o ensino e o modo como a criança era vista como ser desprovido de necessidades literárias. A escolarização da Literatura Infantil carece de reflexão dialógica para novos caminhos que vislumbram um horizonte literário infantil.

A Literatura Infanto/Juvenil é essencial para o amadurecimento da leitura, pois através dela a criança vivencia um deleite de um universo sensorial e argumentativo-crítico. É fato que a criança, ao realizar a leitura de textos literários, busca um sentido nas palavras, aventurando-se nos desvendamento das entrelinhas.

Neste sentido o docente responsável do acesso democrático à Literatura Infantil, necessita refletir a sua formação, o seu preparo, e, até mesmo a sua prática enquanto leitor. Capaz de enxergar o confortável e o possível de ser modificado, tendo ciência do desafio para formar leitores de textos literários.

Neste trabalho foi possível perceber a real noção do modo equivocado aplicado a Literatura Infanto/Juvenil, nas escolas, o qual utiliza este gênero da Literatura apenas como uma ferramenta para o ensino de técnicas voltadas ao ensino da gramática, descartando todo aspecto singular que esta literatura proporciona ao universo da criança.

De acordo com o objetivo principal desta pesquisa, de analisar a prática docente, com enfoque na Literatura Infantil. Foram obtidos resultados

satisfatórios correspondentes às questões levantadas. Podendo constatar a dura realidade de uma “Literatura Infanto/Juvenil” descompromissada com a formação do leitor de textos literários, haja vista, o modelo tradicional de ensino que eles adotam.

Enquanto não houver uma reformulação da forma como os professores das séries iniciais utilizam a Literatura Infanto/Juvenil, a escola estará distante de cumprir seu real papel, e continuará a enxergar alunos sedentos por uma real Literatura Infantil, mágica, criativa, simbólica, crítica, reflexiva, que corresponda aos anseios dos alunos.

É necessário lançar desafio e formar alunos leitores de textos literários. É preciso vencer métodos vencidos e formar professores, dotando-os de um repertório literário fundamental no despertar à paixão pela leitura, instrumentalizá-lo através de oficinas capazes de despertá-los à importância da Literatura Infanto/Juvenil, e o uso adequado da mesma.

É preciso entender que a leitura através de textos literários não ocorre de modo imperativo, mas sim sob um aspecto subjetivo, o qual acontece de dentro para fora, mas que precisa ser estimulado, aguçado e sentido.

Certamente a integração da Literatura Infantil na matriz curricular das séries iniciais seja uma solução capaz de contribuir significativamente no processo do leitor de textos literários e para a valorização da arte literária infantil. Isso agregará ao professor um desenvolvimento de suas habilidades e competências acerca de um ensino diferenciado e democrático no contexto mágico e encantador da Literatura Infantil.

Portanto, seria necessário que a escola proporcionasse um leque de possibilidades para o trabalho artístico para as crianças, pois ela apresenta uma necessidade lúdica do reconhecimento do espaço; as brincadeiras deveriam funcionar como arte, e, a oralidade e a escrita devem ser trabalhadas, na mesma proporção. Assim, o desenvolvimento estético da criança fluirá de maneira prazerosa e gostosa. Existem várias maneiras para que a Literatura infantil faça parte da vida dessas crianças. Com um pouco de boa vontade e uma sólida formação pode-se alcançar um resultado satisfatório em relação à inserção do ser no mundo literário. É preciso deixar de lado o confortável para si, e sim abrir horizontes possíveis descobertas, afinal esse é o papel do professor, ou deveria ser.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Gostosuras e bobices**. 5ª Ed. São Paulo: Scipione, 2006.

_____. Literatura infantil: **gostosura e bobices**. São Paulo, Scipione, 1989.

BRASIL. MEC. CNE. 1998 a. Parecer CEB 04/98. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília: Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, 1998.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. 1ª Ed. São Paulo, 2000.

_____. **Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil**. 4ª Ed. São Paulo: Ática, 1991.

DIAS, Marina Célia Moraes e NICOLAU, Marieta Lúcia Machado. **Oficinas de Sonho e Realidade na Formação do Educador da Infância**. 1ª Ed. São Paulo: Papirus, 2003.

GARCIA, Edson Gabriel. **A leitura na escola de 1º grau**: por uma outra leitura da leitura. São Paulo, Loyola, 1992.

JOSÉ, Elias. **Ler, Contar e encantar crianças**. Ed. Mediação. 2007.

MACHADO, Ana Maria. **Como e Por que Ler os Clássicos Universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

_____. **Textura: sobre leitura e escritos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia. (orgs.). **Leituras Literárias: discursos transitivos**. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2005.

SOARES, Magda. **A Escolarização da Literatura Infantil e Juvenil**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. 8ª Ed. São Paulo: Global, 1994.

_____. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1987.

_____. **A literatura em crise na escola**: as alternativas do professor. 5ª Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

ANEXO

Questionário direcionado aos docentes de 1ª a 4ª série da educação básica.

- 1) Para você o que é literatura?
- 2) Como você entende seu papel como mediador da leitura?
- 3) Em sua opinião de que forma a literatura contribui para a formação de futuros leitores de textos literários?
- 4) Como ocorre a prática da Literatura Infantil na sala de aula?
- 5) Com que objetivo você ensina leitura?
- 6) Você acha necessário trabalhar com leitura literária nas séries iniciais?
- 7) Você se considera um leitor literário? Quais obras você já leu?
- 8) A escola lhe proporciona um acervo literário suficiente para trabalhar com leitura?
- 9) Em sua formação profissional foi ministrado alguma disciplina que lhe proporcionasse embasamento para trabalhar com Literatura Infantil?
- 10) A literatura é a possibilidade de formar leitor crítico e apreciador de bons textos? Dê sua opinião:

OBS: Todas as informações quanto identificação dos docentes serão mantidas em sigilo.